

Morro da Cruz, um Mergulho Democratizador: alfabetizando os “alunos impossíveis”

*Morro da Cruz, a democratizing dive:
alphabetizing the "impossible students"*

Esther Pillar Grossi¹

Resumo

Esse texto relata uma experiência de ensino-aprendizagem com novas bases teóricas em Didática. Trata-se de refazer uma falha grave no histórico escolar de alunos que viveram vários anos letivos sem lograr aprender a ler a escrever. Essa experiência aconteceu no segundo semestre de 2019, no Morro da Cruz, um bairro da cidade de Porto Alegre, sob a minha responsabilidade como professora-pesquisadora, a fim de detectar os maiores impeditivos à superação dessa defasagem. A base teórica posta em prática é o Pós-construtivismo, que modifica substancialmente o Construtivismo, pelo acréscimo do polo outros, além da realidade do aprendente, que caracteriza o Construtivismo. Outrossim, foi relevante a constatação de que tais alunos têm uma modalidade específica de comunicação, no lugar das palavras que é um contato físico, o qual se assemelha a gestos agressivos. Aceitar essa modalidade de comunicação, mesmo na sala de aula, foi um elemento chave para assegurar a realização do objetivo de alfabetizar esses dezoito alunos em apenas cinco meses.

Palavras-chave: Alfabetização; Ciência; Comunicação; Todos Podem Aprender; Pós-construtivismo; GEEMPA

Abstract

This paper reports a teaching-learning experience with new theoretical bases in Didactics. It is about redoing a serious flaw in the school history of students who lived several school years without succeeding in learning to read and write. This experience took place in the second semester of 2019, in Morro da Cruz, a neighbourhood in the city of Porto Alegre, under my responsibility as teacher-researcher, in order to detect

¹ Doutora em psicologia cognitiva, presidente e coordenadora de pesquisa do Geempa - Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de pesquisa e Ação. E-mail: todospodemaprender45@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1255-3572>

the major impediments to overcoming this gap. The theoretical basis put into practice is Post-constructivism, which substantially modifies Constructivism, by adding the pole other, beyond the reality of the learner, which characterizes Constructivism. Furthermore, it was relevant to note that these students have a specific modality of communication, instead of words, which is a physical contact, which resembles aggressive gestures. Accepting this modality of communication, even in the classroom, was a key element to ensure the achievement of the goal of making these eighteen students literate in just five months.

Keywords: Literacy; Science; Communication; Everyone Can Learn; Post-constructivism; GEEMPA.

Introdução

Ao lado de inúmeras ações democratizadoras que acontecem no Morro da Cruz, se inseriu, em 2019, o projeto “Viver é aprender” do Geempa – Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação. Esse projeto teve por objetivo primeiro recuperar a autoestima de moradores do Morro da Cruz sobre sua possibilidade de aprender, através da alfabetização, numa primeira turma, de alunos com mais de três anos em escolas, os quais até então não haviam conseguido nem ler nem escrever.

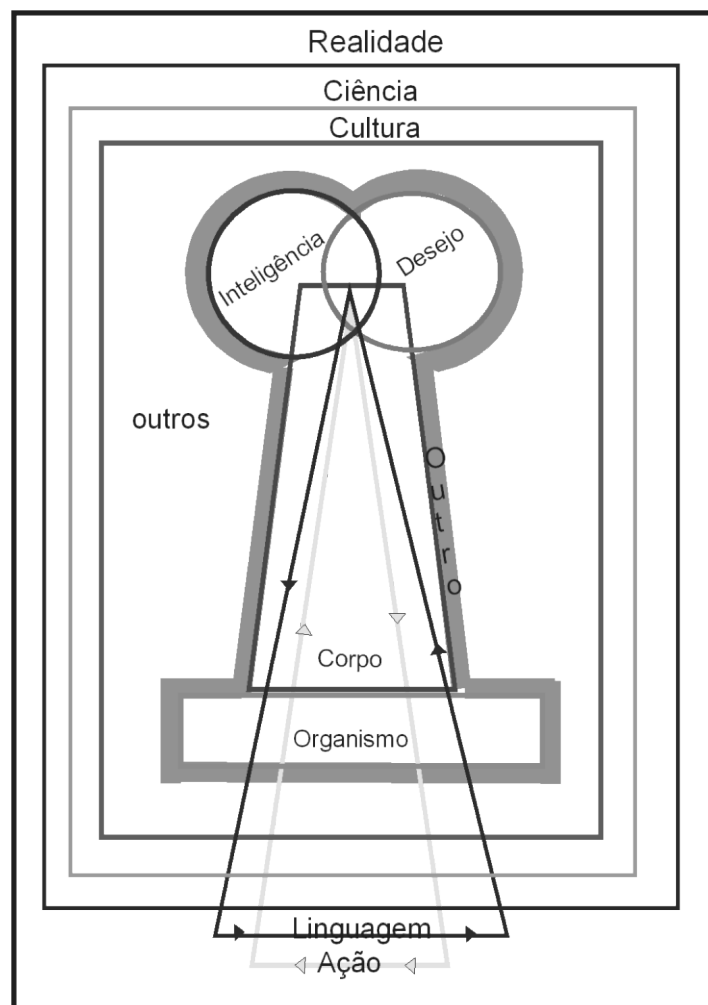
Os alunos encaminhados para o projeto eram considerados os “impossíveis” pelas professoras. De algum modo, parecia que elas já haviam desistido deles. Essa desistência se dá não somente por razões pessoais, mas antes de tudo, por consequência de uma escola adoecida e por uma histórica ausência de formação adequada para a importante fase escolar que é a alfabetização. Esse artigo é um breve relato dessa experiência que nasceu em uma reunião em Paris com Gérard Vergnaud e Sara Pain, no mês de fevereiro de 2019.

Vergnaud (2014) é o pensador francês elaborador da Teoria dos Campos Conceituais, o que há de mais avançado e promissor sobre como se aprende. Sara Pain, pensadora argentina, uma grande sábia, autora dos dois livros intitulados “Estruturas inconscientes do pensamento” e a “A gênese do inconsciente” que deram origem a um só, denominado “A Função da Ignorância”. Nessa obra, Pain (1991) estabeleceu a preciosa relação entre

Antropologia, Psicologia Cognitiva e Psicanálise. Foi ela que enfatizou a ausência na obra de Piaget, evidenciada no dicionário de Antônio Maria Battro, do conceito de inconsciente e a ausência, no dicionário psicanalítico de Laplanche, do termo inteligência. Essas ausências revelaram um empobrecimento científico relevante na compreensão do sujeito.

1. Instâncias do aprender

Com Sara Pain elaborei essa mandala² essencial, representativa do sujeito que aprende.



O sujeito que aprende está no centro dela, na riqueza de suas quatro instâncias, a saber: organismo, corpo, desejo e inteligência. Com essas quatro

² Mandala tem um sentido religioso e um significado espacial. Nesse caso está em jogo o significado espacial, ou seja, uma figura constituída de linhas fechadas.

instâncias se vai além da clássica bipolaridade religiosa, corpo e alma, ou da simplificação materialista de que só existe o que é concretamente palpável, não existindo nada além da matéria. Da riqueza dinâmica dessas quatro instâncias deriva a presença vigorosa do nosso inconsciente, explicitado por Lacan, como nosso Outro com O maiúsculo.

A negação desse Outro, pode ser a razão principal que justifica a afirmação de Milton Santos “a Humanidade ainda não começou”. Ela ainda não começou porque negamos que somos “geneticamente sociais”. Somos geneticamente sociais porque somos dependentes, desde o nascimento, dos outros e porque internalizamos os outros do nosso exterior, constituindo um Outro dentro de nós. A negação do inconsciente não nos permite adentrar à especificidade mais definidora da nossa humanidade a de sermos seres plurais, constituídos pela cultura, através de convivências grupais.

2. Explicitando a alfabetização no Morro da Cruz

Experiência inédita para mim, aos 83 anos: uma parceria do GEEMPA com o Coletivo Autônomo do Morro da Cruz. O GEEMPA tem sua história inicialmente ligada à Matemática, pois ele se denominava Grupo de Estudos sobre o Ensino da Matemática de Porto Alegre. Porém, estatutariamente, os 50 professores que fundaram o GEEMPA numa noite chuvosa de 1970, se decidiram por duas metas importantes:

- a) Iriam tentar fazer com que mais alunos gostassem de matemática;
- b) Iriam priorizar alunos de escolas públicas, de classes populares.

Portanto, se vê que o GEEMPA nasceu de um delicado afeto – o gosto pela matemática, para alunos que passassem a aprendê-la mais do que normalmente ocorre nas escolas – a matéria que mais reprova. Porém, quando o GEEMPA, que nasceu em plena ditadura, teve a oportunidade de cumprir seu segundo item do estatuto e foi fazer pesquisa em classes populares, constatou que para elas havia um buraco maior do que a aprendizagem de matemática: a alfabetização. Na Vila “Santo” Operário, na escola onde fomos pesquisar,

encontramos 13 classes de 1º ano e apenas uma de 4º, porque os alunos não conseguiam sair do 1º ano, porque não aprendiam a ler e a escrever.

Isto aconteceu antes de dois equívocos pedagógicos serem oficializados no Brasil: a progressão automática e a alfabetização até o terceiro ano do Ensino Fundamental. Os alunos, na Vila Santo Operário, então, eram reprovados no 1º ano se não estavam alfabetizados. Não somos absolutamente a favor de reprovação. Somos, sim, super a favor de que se alfabetize a todos, como acontece em tantas turmas de classes populares que usam uma metodologia cientificamente atualizada e apaixonadamente assumida por professores, realmente profissionais em Didática.

3. **Uma didática científica** - essencialidades da proposta que alfabetizou 18 alunos super indisciplinados, no Morro da Cruz, em 5 meses.

Desde que o mundo é mundo é lugar comum que aprender é memorizar os conhecimentos já construídos expressos por outras pessoas. Foi necessário acontecer no século XX, à elaboração genial de Jean Piaget, de que entre as percepções e os conhecimentos há uma construção. Isto é, particularmente válido entre escutar ou ver algo escrito e se alfabetizar. Alfabetizar-se é uma construção. Piaget (1977, 1978, 1980) batizou sua elaboração de Construtivismo. Mas, o construtivismo ainda não inclui a dimensão social do aprender. Não inclui a constatação de que se aprende com os outros e com o Outro que habita em cada um de nós, no nosso inconsciente.

Sabe-se que a inteligência é um processo. Deu-se um outro grande passo quando se compreendeu que a inteligência não é um dom já pronto, quando se nasce, e nem desigualmente distribuído entre os que nascem. Isto é, não é verdade que uns nascem mais inteligentes, outros menos. Todos são igualmente inteligentes como potencialidade. Mas a inteligência se atualiza através de um processo que se alimenta de oportunidades. Fica-se inteligente aprendendo.

Esse processo é possível para toda pessoa viva, menos para quem nasce totalmente sem cérebro, as quais não conseguem sobreviver. Esse processo que atualiza as potencialidades de nossa inteligência é possível e indispensável para nós, os humanos. Possível e indispensável por que

perdemos os instintos quando evoluímos de nossos antepassados hominídeos. Portanto, precisamos aprender literalmente tudo. Não soubemos sequer encontrar o bico do seio de nossa mãe se ela não nos tivesse ajudado. Temos que aprender inclusive a comer e a dormir. Por isso há tantos obesos e tantas pessoas que só dormem tomando remédio, porque não lhes foi bem ensinado como ter fome e como ter sono.

Felizmente, todos podem aprender desde que sejam provocados por experiências que os façam pensar, que ativem sua vertente inteligente e que provoquem benditas dúvidas, as quais geram reflexão.

3.1 Como se aprende a ler e a escrever?

Só se aprende a ler e a escrever vivenciando experiências em torno da escrita. Experiências com materiais escritos – livros, jornais, revistas etc. e no convívio com pessoas que leem e escrevem à mão ou em computadores.

Aprende-se no coração de um mergulho em dois universos – o de coisas já escritas e o de pessoas que as escrevem ou que as interpretam, lendo-as. Isso pode acontecer na vida, quando se tem a sorte de ter familiares alfabetizados e que fazem uso da escrita regularmente. Entretanto, esse mergulho precisa ser organizado profissionalmente pela escola para aqueles alunos que não começaram a vivê-lo em sua casa, desde que nasceram. Isto é, quando têm familiares não alfabetizados ou que pouco utilizam a escrita no seu cotidiano. Ou seja, filhos de famílias onde não há materiais escritos nos seus domicílios e onde não se pratica a leitura e a escrita no seu dia a dia.

Esse é o alunado que vem de milhões de famílias onde a escrita é ausente dos seus hábitos diários. Para este é necessária uma Didática cientificamente elaborada. Não basta a repetição do que vem sendo feito para alunos que vem de ambientes letrados, já quase alfabetizados quando ingressam no Ensino Fundamental. Já quase alfabetizados, porque desde que nasceram estavam imersos num ambiente alfabetizador.

3.2 Recuperando experiências

É preciso uma didática cientificamente elaborada, porque a Escola precisa realizar em alguns meses o que é feito durante anos em ambientes ricos de experiências interessantes, impregnadas de sentido. Essas experiências ainda são profundamente motivadas pelos modelos de identificação que são os familiares leitores e escritores, isto é que sabem ler e escrever.

A professora precisa ocupar concretamente esse lugar dos modelos de identificação – pai, mãe, avós, irmãos... que sabem ler e que a criança quer tornar-se um deles. Cabe à professora mostrar que ler e escrever é bom, que ela gosta de fazê-lo. Precisa mostrar as utilidades da escrita. Precisa concretizar seu orgulho por ser aquinhoada com esse instrumento fabuloso de comunicação que é a escrita.

Essa didática cientificamente elaborada é particularmente necessária para quem tem como responsabilidade profissional alfabetizar alunos de escolas públicas, situadas em bairros populares das periferias das cidades. Ela é pouco ou nada ensinada nos cursos universitários que deviam formar profissionais alfabetizadores. Aos que são responsabilizados, sem preparo para alfabetizar, resta então, improvisar com o que até hoje serve para alunos que vêm de ambientes letrados, desde seus nascimentos.

Compensar anos de riquezas cheias de sentido das experiências de filhos de famílias onde se lê e se escreve, é a tarefa que cabe a quem se candidata a ser alfabetizadora em escolas das redes públicas de ensino.

Felizmente essa didática existe e leva o nome de pós-construtivista. Ela vem sendo praticada por muitos professores vinculados ao GEEMPA e é o que estudamos em cursos, inclusive durante a pandemia, online, para tantos professores interessados do Brasil, da Argentina e da Colômbia.

Vamos a ela, à Didática científica.

4. Essencialidades de uma didática científica e muito amorosa

A porta de entrada dessa didática é o que deve estar presente durante todo o período letivo – a definição pela professora de suas metas desejantes para cada um de seus alunos.

4.1 Primeira essencialidade

O mergulho dos alunos num feliz ambiente alfabetizador que lhes transmita o convite afetuoso de sua professora para que eles participem do banquete desses conhecimentos – os segredos e os mistérios da escrita. Esse convite implica dois aspectos: o quanto saber ler e escrever dá prazer e o quanto saber ler e escrever é necessário.

4.2 Segunda essencialidade

Identificar onde cada aluno está no processo que leva à alfabetização, realizando periodicamente a Aula-entrevista.

As aulas entrevistas orientam a professora sobre as estratégias de ensino para alunos que tiveram até então mais ou menos oportunidades de experiências alfabetizadoras.

4.3 Terceira essencialidade

Os alunos que tiveram menos experiências de aprendizagens precisam ser cumulados, então, agora, com muitas delas, inclusive com mais Aulas-entrevistas que os demais. que tal trocar de vocabulário? Alunos com dificuldade de aprendizagens por alunos com menos experiências de aprendizagens.

4.4 Quarta essencialidade

A organização dos alunos em pequenos subgrupos denominados de grupos áulicos tem uma justificativa essencial – nos momentos mais decisivos do processo cognitivo um colega pode ensinar mais do que a professora. Esses momentos decisivos são aqueles nos quais o aluno se flagra que está errado, isto é, que a sua hipótese não se confirma. Esse momento é duro de

suportar. Muitos não o aguentam e não o enfrentam e, portanto, não experimentam as delícias que o aprender proporciona, após tais enfrentamentos.

4.5 Quinta essencialidade didática

O que estrutura o planejamento de cada aula são atividades de leitura e de escrita de textos, de palavras e de letras através de jogos, de fichas didáticas e de diálogos ensinantes sobre textos.

4.6 Sexta essencialidade didática

A vida é um jogo, no qual se ganha e se perde. Viver é aprender a suportar essas alternâncias. Portanto, o jogo é o melhor veículo de ensino – aprendizagem. Porém, o jogo será esse veículo se estiver atrelado a fichas didáticas que explicitem seus conteúdos e ampliem seus efeitos.

Fichas didáticas são provocações de ensino em forma dinâmica, que usa mais do que só palavras, em sua proposição. Elas se servem de representações espaciais, tais como diagramas, flechas e coordenadas horizontais e verticais. Elas otimizam as possibilidades dos recursos que só utilizam palavras.

4.7 Sétima essencialidade didática

A memorização global de palavras significativas, na leitura e na escrita, de nomes de pessoas, de etiquetas e de palavras particularmente importantes para cada aluno constitui um apoio essencial para a compreensão da escrita. O fato de que as palavras são constituídas de sílabas e as sílabas de letras associadas a sons, definem os pré-requisitos para o domínio da escrita.

A memorização de um conjunto de palavras não deve ser buscada pela cópia repetitiva delas, mas sim através de atividades didáticas que conduzam os alunos a encontrar regularidades nas suas escritas, tais como, elas sempre terem o mesmo número de letras, elas sempre começarem pela mesma inicial, elas terem sempre as mesmas letras, na mesma ordem, que são alguns dos Invariantes Operatórios que alicerçam o nosso sistema de escrita.

A memorização de palavras é, portanto, o pontapé de entrada na alfabetização.

4.8 Oitava essencialidade didática

Saber-se a professora que ela é a plena responsável pela condução do processo de aprendizagem dos seus alunos como profissional credenciada para tal, na instituição escola, que não é continuação da família.

A escola é outra instituição social com atribuições diferentes da família.

A família é para seus membros, a garantia de um espaço de existência no mundo, sendo ela que traz à vida cada filho. A ela cabe assegurar a certeza de que os filhos são convidados ao banquete da participação, por um tempo, no convívio nesse pitoresco planeta que é a TERRA. A família deve ser, portanto, o espaço primordial dos afetos que nos definem como pessoas desejantes.

À escola cabe proporcionar os conhecimentos que, por sua complexidade, não acontecem a partir de experiências cotidianas.

Na oitava essencialidade da proposta pós-construtivista da alfabetização localiza-se a organização e a exigência de lições de casa.

Lições de casa complementam as lições em aula, com característica própria: a de que o aluno as realiza sem os outros, mas com seu Outro. Elas não devem prever o auxílio de familiares para realizá-las. Ao contrário, elas só têm sentido se não exigirem ajuda de ninguém para fazê-las. Portanto, elas devem ser tarefas de acolhimento e não de ruptura, isto é, tarefas já conhecidas dos alunos.

Associam-se, a essa oitava essencialidade, outras ideias sobre as relações família/escola. Por exemplo, desvincular problema que ocorre na escola de chamamento de pais para resolvê-lo. O que acontece na escola é de sua responsabilidade, assim como o que acontece na turma da qual uma professora é regente é de responsabilidade dessa regência, sem encaminhamentos para a direção ou para a coordenação.

4.9 Nona essencialidade

A proposta Pós-construtivista de alfabetização tem mais de um tipo de aula, além da Aula-Entrevista e da Aula tradicional – as atividades culturais. São atividades culturais ir ao cinema, ao teatro, a um museu ou exposição, ouvir música, apreciar esporte, fazer um passeio, viajar, etc...

Elas complementam e agregam emoções aos roteiros escolares e à caminhada rumo aos saberes.

4.10 Décima essencialidade

São os momentos culturais no dia-a-dia regular, sem sair da escola. São eles: a escrita e a leitura de prosa e de poesia de boa literatura, bem como a exposição de obras de arte visual no ambiente escolar; e as merendas pedagógicas.

A cultura e as artes são aliadas poderosas das aprendizagens.

A escrita e a leitura de boa literatura devem permear as atividades de jogo e de fichas didáticas propostas regularmente. Elas alimentam a imaginação e enriquecem de muito a elaboração de textos, que é uma atividade central na alfabetização.

As merendas pedagógicas substituem a merenda sem vínculo social e sem vínculo de cultura. Elas substituem as merendas que só alimentam o corpo. Tais merendas constituem uma atividade didática tanto pelo seu aspecto cognitivo como pelo seu aspecto afetivo, pois não se convida inimigos para comer juntos. E elas devem ser enriquecidas pelos elementos culturais do comer – sua apresentação em mesas com toalha, com guardanapos individuais, com copos e talheres adequados.

É ideal que elas aconteçam nas próprias salas de aula com ligação aos momentos de aprendizagem vividos. Comer juntos é tão significativo e simbólico que todas as religiões têm como centro de culto um ato vinculado à refeição.

4.11 Décima primeira essencialidade

A ratificação da competência de ler e de escrever tem exigências precisas. Alguém só está alfabetizado se lê texto com compreensão e se escreve texto compreensível. Essa é a evidência incontestável de que essa competência foi conquistada e de que ela será para sempre. Antes disso, falta estabilidade aos níveis atingidos e neles se regride facilmente.

Por essa razão, na proposta pós-construtivista de alfabetização a avaliação da comprovação dessa competência é feita através de uma especial Aula-Entrevista. A Aula-Entrevista onde o aluno escreve um texto e onde ele lê

um texto. Escreve um texto que sua professora consegue compreender o seu conteúdo. E lê, com compreensão, um texto ortograficamente escrito sobre conteúdo conhecido. Será através do conteúdo conhecido que o aluno vai superar a silabação, para identificar as palavras do texto e compreendê-lo.

4.12 Décima segunda essencialidade

Até chegar à comprovação da competência plena de ler e de escrever a socialização de vitórias parciais é incentivo precioso às aprendizagens. As vitórias parciais são caracterizadas nos níveis alcançados nas tarefas da aula-entrevista, na memorização de palavras ou no desempenho de Reprodução de Traçados. A aula-entrevista é um encontro individualizado da professora com cada aluno, várias vezes num período letivo.

Um aluno que passa do primeiro nível para o segundo na alfabetização venceu uma etapa, conquistou uma vitória parcial. Superou a hipótese de que se escreve com desenho para se formular outra hipótese a de que se escreve com sinais gráficos ou letras. É um progresso considerável, mesmo ainda longe de uma plena alfabetização. Mas, quem é autor de tal progresso merece ser aplaudido por conta do reconhecimento de seu avanço cognitivo.

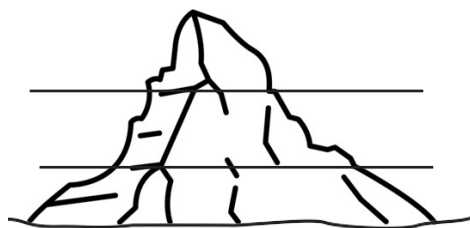
8. 13 Décima terceira essencialidade: a alegoria da montanha

A compreensão de que alfabetizar todos os alunos de uma turma, num só período letivo, é um impossível. ensinar é um impossível, mas realizável como os outros impossíveis elencados por Freud, curar e fazer política. São três impossíveis realizáveis, possíveis.

Possíveis, porém somente com uma força muito especial – a força do desejo, aquela instância poderosa, muito acima da nossa vontade. Força capaz de mover montanhas, a ponto de me levar a pensar que Deus é nosso desejo.

O desejo é o que nos capacita galgar o terço da montanha que tem no, seu topo, os nossos desejos, como sugere a figura abaixo:

X



A primeira terça parte da montanha sobe-se com facilidade, sem instrumentação.

A segunda parte exige técnica e ciência, isto é: caminhos já trilhados. No caso da alfabetização, da didática científica.

Galgar a terceira parte, ah! exige muito mais. Ela se caracteriza por uma singularidade inédita. Os seus desafios são únicos e só experimentados por aquele que se propôs, como meta, alcançar o X que está no alto da montanha. Ninguém ainda viveu aqueles problemas, do modo como eles se apresentam para o alpinista obstinado. O cume da grande elevação simboliza e concretiza seu objetivo. É bem o caso de toda professora que se propõe alfabetizar todos os seus alunos numa escola pública de classes populares em um período letivo. Ela se vê diante de um impossível. Porém, esse impossível não é não realizável. Ele se tornará possível se essa professora for uma obstinada por esse objetivo – alfabetizar todos os seus alunos – e se ela fizer parte de um grupo de colegas que lhe dá sustentação – um grupo que assume com ela essa meta e que comunga de suas mesmas bases teóricas. Grupo esse que é um ramo da árvore de uma escola de pensamento que, por sua vez, está sempre buscando, através de pesquisa, desvendar os mistérios do campo de conhecimentos em questão.

Evidencia-se, aqui, que, se aprendizagem é um fenômeno social, ensinar também o é. Professora isolada é andorinha que não faz verão. E só é produtivo pertencer a um grupo filiado a uma escola de pensamento, como um galho beneficiando-se das riquezas da seiva da árvore de desbravadores de conhecimentos.

9. Uma concretude extraordinária

Alfabetizar em 5 meses, 18 alunos, encaminhados por três escolas públicas do Morro da Cruz, como os mais malcomportados, foi uma experiência vital.

Isso aconteceu com aulas três vezes por semana, cada uma delas com duração de duas horas e meia. Esses alunos continuavam frequentando, no outro turno diário, suas escolas, donde eles já se haviam desgarrado socio psicologicamente, por serem muito malcomportados. Alguns deles já tinham provocado o registro de boletim de ocorrência policial, por comportamentos violentos na escola. Em suas escolas, estavam dispersos em várias turmas. No nosso projeto “Viver é aprender” eles estavam todos concentrados na mesma turma, da qual eu era a professora regente e reinava entre eles uma atmosfera de muita agressividade.

Eles brigavam continuamente. Quando não estavam atracados corporalmente eles se tapeavam, se davam socos, pontapés, se puxavam cabelos, etc. Eu me perguntava: qual o efeito de alunos passarem dias, meses e anos em busca de uma aprendizagem, que é visível a olho nu, não acontece para eles? Ler e escrever, isto é, se alfabetizar é um efeito reconhecível por qualquer pessoa. Não é necessário instrumento especial e apropriado e sofisticado de avaliação para verificar tal desempenho. Portanto, não se alfabetizar é também facilmente notório para o próprio aluno, assim como para seus pais ou para seus colegas.

O que isto representa para os que, mesmo frequentando vários anos os bancos escolares, não conseguem essa aprendizagem?

Insistentemente, eu me debruçava sobre esse tema, tentando entendê-lo. O que sentem tantos alunos por não se alfabetizarem, como socio culturalmente vem acontecendo historicamente para qualquer criança, por volta dos sete anos? As últimas avaliações brasileiras, antes da pandemia, revelavam que menos de 50% de todo o alunado do país lograva ler e escrever em cada ano letivo.

Difícilmente alunos que não aprendem na escola terão possibilidade de atribuir essa significativa infelicidade a alguma razão politicamente antidemocrática ou pedagógica. Normalmente essas vítimas se atribuem a

responsabilidade pelo crime. Elas pensam cometer o delito de não aprender por serem desatentas, por não serem suficientemente aplicadas ou por não serem portadoras de um DNA inteligente, capaz de levá-las ao sucesso de aprender.

Aí, sem aprender, elas se tornam indisciplinadas, notoriamente agressivas contra pessoas. Não entendendo a lógica das tarefas propostas em aula, nas quais há colegas que se desempenham bem e rapidamente, só lhes resta o dissabor de reagir inadequadamente. Sem o prazer de aprender, que Freud caracterizou como maior do que o de um orgasmo, a sala de aula se torna um lugar difícil de suportar. E a agressividade que deveria ter por objeto o não saber, como energia para aprender, se volta muitas vezes para os colegas. Às vezes, até ocorrem agressões contra professores. Porém, tal atitude é muito menos aceita socialmente do que agredir os colegas. E agora isso passa a acontecer na própria sala de aula. Há mais de 70 anos, quando eu comecei minha vida escolar, era clássico na sala de aula ouvir-se o anúncio: “te pego na saída”.

Reitero aqui a importância positiva da agressividade, bem caracterizada pela afirmação de uma das mães de meus alunos na Vila “Santo” Operário em 1982: “A raiva é muito importante. Se eu não tiver raiva da sujeira, nunca vou fazer limpeza na casa”.

Voltemos aos alunos que não aprendem. Quando é possível um encaminhamento para médico ou psicólogo, surge um laudo, como outro ingrediente nessa problemática que já é complexa. O laudo explica que aqueles que não conseguem aprender na escola têm, ou um problema biológico ou um problema psicológico. A não aprendizagem demanda então, ou tomar remédios ou frequentar regularmente um psicólogo. Aliás, os pediatras ou psiquiatras, não só no Brasil, que atendem crianças em idade escolar, revelam que em sua grande maioria, esses clientes, tem como razão da consulta, o fato de irem mal na escola. Nenhum laudo cabe nesse particular, pois não há doença que impeça as aprendizagens, como concluiu a pediatra Ana Cecília Sucupira em sua tese de doutorado, na qual pesquisou no universo de mais de duas mil crianças do nordeste brasileiro. Suas conclusões, por sua vez, se apoiam nos achados da neurologia sobre plasticidade cerebral e na vinculação estreita entre aprendiza-

gem e oportunidades de experienciar situações provocativas.

A síntese desses avanços científicos embasa a força da afirmação de que todos podem aprender, se bem ensinados.

a. Analfabetismo: outra desigualdade social

Os índices de não alfabetização nas escolas perpetuam o número de analfabetos adultos, que são mais de 50 milhões. Uma tragédia nacional. Tragédia, porque esse fato intensifica a desigualdade social. Além da desigualdade econômica e racial agrega-se a desigualdade cultural, que é visceral. Hoje, alguém que não sabe ler não se sente inserido na comunidade humana, que está totalmente impregnada e dependente do novo mundo da Internet.

b. Resignificando a agressividade

Mas, como alfabetizar esses 18 alunos que já estavam para lá de estigmatizados como deficientes intelectuais? Aliás, em uma das atividades didáticas realizada com eles, pedi-lhes que respondessem sim ou não a um conjunto de perguntas que eu lhes propunha. Uma das perguntas era: alguém já te chamou de burro? Todos responderam que sim. Outra pergunta foi: tu te achas burro? Apenas um deles disse que não.

Aprendizagem é como homeopatia. Cura-se a não aprendizagem com a própria aprendizagem, mas como aprender, se meus alunos só sabiam se agredir, inclusive em plena sala de aula?

O que descobri com muita observação e muito pensar? Que para eles, brigar não acontecia por uma agressividade objetiva entre os litigantes. Brigar é uma forma deles estabelecerem contato com os colegas. Era uma forma de comunicação. A palavra não exercia esse papel. Pude constatar esse fato reservando um intervalo de tempo para que meus alunos conversassem livremente em aula. Em menos de 5 minutos eles, vinham me pedir tarefas costumeiras de aprendizagens. Não sabiam se comunicar via palavra.

Comunicavam-se corporalmente, através de gestos com semelhança de agressão.

Dei-me conta disto em situações como a que segue: dois colegas se atracaram corporalmente com muito empenho. Dois minutos depois, um deles estava servindo refrigerante ao outro. Ele costumava trazer refrigerante para as aulas, porque sua mãe tinha um bar e só servia a colegas que ele gostava.

c. Brigar não era proibido

Uma das estratégias que foi decisiva para o sucesso da alfabetização 100% dessa turma tão difícil, foi a decisão de declarar-lhes que brigar não era proibido na nossa aula. Inclusive celebramos um contrato explícito a esse respeito. Todos assinaram um termo de compromisso que rezava o seguinte texto – Nessa aula se pode brigar, desde que:

1. não se machuque o outro.
2. não se atrapalhe a aula.

Todos assinaram esse documento, que foi emoldurado e solenemente exposto numa parede da sala. Ele foi cumprido rigorosamente até a última aula. Sempre houve brigas sem se machucarem. Quando as brigas atrapalhavam as aulas, os briguentos eram instados a saírem da sala, empurrados pelos próprios colegas. Eram “saídos” e logo pediam para voltar, porque nossas aulas eram interessantes, divertidas, apaixonantes e empolgantes.

Sempre havia muitos jogos didáticos, gostosas leituras de boa literatura, fichas didáticas instigantes, produção de textos e desenhos, merenda pedagógica e futebol nos últimos 30 minutos de todas as aulas. Futebol onde todos participavam como uma atividade da turma, com formação dos times escolhidos por dois capitães em cada dia e obediência rigorosa das regras desse esporte tão brasileiro, com minha permanente supervisão, acompanhando as partidas.

10. Conclusão

Dezoito alunos, com um doloroso currículo escolar, alguns analfabetos aos 15 anos, depois de sete anos na escola sem conseguir a ventura de ler e de escrever, depois de após apenas cinco meses com aulas três vezes por semana, consegui-lo, é muito significativo. Esse mergulho democratizador representa desmentido eloquente de que existe quem não possa aprender, sendo, portanto, aceitáveis os índices tão altos de brasileiros que, mesmo frequentando escolas vários anos, saem dela analfabetos.

Importa, sobretudo dar-mo-nos conta de que o ensino precisa se profissionalizar, apoiando-se na ciência. Dar-mo-nos conta que o magistério necessita atualizar-se sobre o muito que há de novo e promissor nessa área.

É animador constatar que mesmo com pouca contribuição das universidades, os professores são capazes de se reciclar didaticamente, como tantos já o fizeram e que realizam o impossível de alfabetizar 100% de suas turmas, em um ano letivo.

Nossa mensagem é, portanto de muita esperança no futuro das aprendizagens à luz das maravilhas que a ciência nos brinda sobre elas.

Referências

PAIN, Sara. **A função da ignorância: estruturas inconscientes do pensamento.** – Tradução Alceu Edir Fillmann. – Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1991.

PIAGET, Jean. **La construction du réel chez l'enfant.** – Paris : Delachaux et Niestlé Éditeurs , 1977.

PIAGET, Jean. **La formation du symbole chez l'enfant.** – Paris : Delachaux et Niestlé Éditeurs, 1978.

PIAGET, Jean. **Les formes élémentaires de la dialectique.-** Éditions Gallimard, 1980.

VERGNAUT, Gérard. **A criança, a matemática e a realidade: problemas do ensino da matemática na escola elementar.** Tradução Maria Lucia Faria Moro. – ed.rev. – Curitiba: Ed. da UFPR, 2014.